

**OBRA COMPLETA**  
**BERNARDO**  
**SANTARENO**  
**TEATRO I**

**A Promessa (1957)**

**O Bailarino (1957)**

**A Excomungada (1957)**

**O Lugre (1959)**

**O Crime de Aldeia Velha (1959)**

**António Marinheiro ou o Édipo de Alfama (1960)**

---

Introdução de Ana Paula Medeiros



# ÍNDICE

<i>Bernardo Santareno – Entre o grito e o mistério. . . . .</i>	7
---	---

## A PROMESSA

Peça em três actos e três quadros

PERSONAGENS . . . . .	26
PRIMEIRO ACTO. . . . .	27
Cena I. . . . .	27
Cena II . . . . .	30
Cena III . . . . .	33
Cena IV . . . . .	35
Cena V . . . . .	35
Cena VI . . . . .	39
Cena VII. . . . .	40
Cena VIII . . . . .	43
SEGUNDO ACTO. . . . .	45
Cena I. . . . .	45
Cena II . . . . .	49
Cena III . . . . .	54
Cena IV . . . . .	55
Cena V . . . . .	62
Cena VI . . . . .	64
Cena VII. . . . .	65

BERNARDO SANTARENO

TERCEIRO ACTO .....	67
1.º Quadro.....	67
Cena I .....	67
Cena II.....	70
Cena III.....	75
Cena IV.....	75
Cena V.....	75
2.º Quadro.....	76
Cena I .....	76
Cena II.....	79
3.º Quadro.....	81
Cena I .....	81
Cena II.....	84
Cena III.....	85
Cena IV.....	86

O BAILARINO

Peça em três actos e três quadros

PERSONAGENS .....	90
PRIMEIRO ACTO.....	93
Cena I.....	93
Cena II.....	94
Cena III.....	96
Cena IV.....	97
Cena V.....	97
Cena VI.....	97
Cena VII.....	98
Cena VIII.....	99
Cena IX.....	100
Cena X.....	102
Cena XI.....	103
Cena XII.....	103
Cena XIII.....	104
Cena XV.....	104
Cena XVI.....	105

## ÍNDICE

Cena XVII . . . . .	106
Cena XVIII. . . . .	107
Cena XIX. . . . .	109
Cena XX . . . . .	116
SEGUNDO ACTO . . . . .	119
1.º Quadro. . . . .	119
Cena I . . . . .	119
Cena II. . . . .	124
Cena III . . . . .	125
Cena IV . . . . .	127
Cena V. . . . .	128
2.º Quadro. . . . .	130
Cena I . . . . .	130
Cena II. . . . .	131
Cena III . . . . .	132
Cena IV . . . . .	133
Cena V. . . . .	134
Cena VI . . . . .	135
Cena VII . . . . .	135
3.º Quadro. . . . .	137
Cena I . . . . .	137
Cena II. . . . .	138
Cena III . . . . .	139
Cena IV . . . . .	140
Cena V. . . . .	141
Cena VI . . . . .	142
Cena VII . . . . .	145
TERCEIRO ACTO . . . . .	147
Cena I. . . . .	147
Cena II . . . . .	151
Cena III . . . . .	151
Cena IV . . . . .	152
Cena V . . . . .	154
Cena VI . . . . .	154
Cena VII. . . . .	156
Cena VIII . . . . .	159
Cena IX . . . . .	169

BERNARDO SANTARENO

A EXCOMUNGADA

Peça em três actos e um epílogo

PERSONAGENS .....	174
PRIMEIRO ACTO.....	175
Cena I.....	175
Cena II.....	182
Cena III.....	183
Cena IV.....	186
Cena V.....	186
Cena VI.....	187
Cena VII.....	190
Cena VIII.....	191
Cena IX.....	192
Cena X.....	193
Cena XI.....	195
SEGUNDO ACTO.....	197
Cena I.....	197
Cena II.....	202
Cena III.....	206
Cena IV.....	207
Cena V.....	208
Cena VI.....	209
Cena VII.....	211
TERCEIRO ACTO.....	213
Cena I.....	213
Cena II.....	215
Cena III.....	216
Cena IV.....	217
Cena V.....	218
Cena VI.....	219
Cena VII.....	221
Cena VIII.....	221
Cena IX.....	223
Cena X.....	224
EPÍLOGO.....	225

ÍNDICE

O LUGRE

Peça em seis quadros

PERSONAGENS .....	233
ACTUALIDADE.....	234
1.º QUADRO.....	235
Cena I .....	236
Cena II.....	237
Cena III .....	239
2.º QUADRO.....	241
Cena I .....	241
Cena II.....	242
Cena III .....	242
Cena IV .....	246
Cena V.....	247
Cena VI .....	248
Cena VII .....	248
Cena VIII.....	248
Cena IX.....	250
Cena X.....	252
3.º QUADRO.....	253
Cena I .....	254
Cena II.....	260
Cena III .....	261
Cena IV .....	261
Cena V.....	266
Cena VI .....	266
Cena VII .....	267
4.º QUADRO.....	269
Cena I .....	269
Cena II.....	276
5.º QUADRO.....	279
Cena I .....	279
Cena II.....	284
Cena III .....	284
Cena IV .....	289
Cena V.....	289
Cena VI .....	290

6.º QUADRO.....	291
Cena I.....	291
Cena II.....	297
Cena III.....	298

## O CRIME DE ALDEIA VELHA

Peça em três actos

PERSONAGENS .....	306
PRIMEIRO ACTO.....	307
Cena I.....	307
Cena II.....	309
Cena III.....	309
Cena IV.....	311
Cena V.....	314
Cena VI.....	320
Cena VII.....	323
Cena VIII.....	326
Cena IX.....	328
Cena X.....	329
Cena XI.....	330
Cena XII.....	330
Cena XIII.....	331
Cena XIV.....	332
SEGUNDO ACTO.....	335
Cena I.....	335
Cena II.....	342
Cena III.....	343
Cena IV.....	346
Cena V.....	351
Cena VI.....	352
Cena VII.....	352
Cena VIII.....	356
Cena IX.....	358

ÍNDICE

TERCEIRO ACTO .....	361
Cena I. ....	361
Cena II. ....	367
Cena III. ....	367
Cena IV. ....	368
Cena V. ....	370
Cena VI. ....	370
Cena VII. ....	373
Cena VIII. ....	375
Cena IX. ....	378
Cena X. ....	378
Cena XI. ....	380
Cena XII. ....	387
Cena XIII. ....	388
Cena XIV. ....	389
Cena XV. ....	389
Cena XVI. ....	392
Cena XVII. ....	392
Cena XVIII. ....	393

ANTÓNIO MARINHEIRO  
(O ÉDIPO DE ALFAMA)

Peça em três actos

PERSONAGENS .....	398
PRIMEIRO ACTO. ....	399
Cena I. ....	399
Cena II. ....	400
Cena III. ....	401
Cena IV. ....	401
Cena V. ....	402
Cena VI. ....	406
Cena VII. ....	411
Cena VIII. ....	416
Cena IX. ....	422
Cena X. ....	424
Cena XI. ....	424



BERNARDO SANTARENO

SEGUNDO ACTO.....	427
Cena I.....	427
Cena II.....	430
Cena III.....	431
Cena IV.....	433
Cena V.....	438
Cena VI.....	439
Cena VII.....	440
TERCEIRO ACTO.....	457
1.º Quadro.....	457
Cena I.....	457
Cena II.....	460
Cena III.....	461
Cena IV.....	462
Cena V.....	464
Cena VI.....	465
Cena VII.....	467
Cena VIII.....	467
Cena IX.....	471
Cena X.....	471
Cena XI.....	474
Cena XII.....	474
Cena XIII.....	487
2.º Quadro.....	488
Cena I.....	488
Cena II.....	492
Cena III.....	496
Cena IV.....	500
Cena V.....	501

ANTÓNIO MARINHEIRO

(O ÉDIPO DE ALFAMA)

PEÇA EM TRÊS ACTOS

## PRIMEIRO ACTO

*O compartimento de entrada, em casa pobre de Alfama: um velho guarda-loiça, uma mesa-redonda de centro, uma máquina de costura, cadeiras, etc.*

*Ao fundo, a porta da rua; ainda ao fundo, mas mais à direita, uma janela. À esquerda, uma porta que dá para o quarto de Bernarda (que serve também de cozinha).*

*À direita, porta para o quarto de Amália. Estas duas portas interiores apresentam, em toda a altura, cortinas de rede ou tecido adequado. Através da janela e da porta da rua, quando abertas, vê-se a frontaria duma taberna típica, além de outros elementos cenográficos definidores do ambiente de Alfama; por cima da entrada da taberna, um candeeiro antigo de iluminação pública, tipo lanterna grande.*

*No interior da casa de Amália, cavado numa das paredes, um nicho com a imagem de Santo António, em barro; em sítio adequado, um retrato do falecido marido de Amália; sobre a mesa, um candeeiro de petróleo; na pedra do guarda-loiça, um vaso de manjerico, etc.*

*É o fim duma tarde de Inverno: luz frouxa. Quando o pano sobe, Amália passa roupa a ferro e Bernarda, sentada perto da janela semiaberta, cose à mão um pano verde. As duas mulheres estão vestidas de preto. Laboram em silêncio; crispada, sombria, a expressão dos rostos.*

### Cena I

*BERNARDA (levanta-se, sempre calada, e vai buscar uma qualquer peça do vestido em que trabalha: esta, como muitas outras, está pendurada num*

*dispositivo feito com o nó aberto duma corda suspensa do tecto; não chega lá): Pronto! É escusado avisar-te... Ó mulher, tu não sabes que eu não alcanço aquilo?!... Irra, isto é uma danação! Estou fartinha de te dizer: o que for pra eu coser quero-o cá em baixo!...*

AMÁLIA (*levanta-se, sobe a uma cadeira e tira o pano, entregando-o a Bernarda*): Tome lá: é isto?

BERNARDA (*examinando a peça*): Parece que sim... é, é esta! (*Explodindo.*) Ó Amália, corta-me essa maldita corda! Que diabo, já viste alguém usar uma geringonça dessas pra pendurar a roupa?! Qualquer dia, caís daí a baixo e partes uma perna... arranja um cesto, que raio! Sim, pra que serve isso?!...

AMÁLIA (*metendo a cabeça pelo nó aberto da corda: ironia triste*): Olhe, não vê? Pra me enforcar... (*Desce da cadeira e volta à tarefa anterior.*) Assim, a gente tem a certeza de que não desaparece nada: lembre-se do que aconteceu com a manga daquele vestido da senhora Ercília...

ANINHAS (*na rua, a bater à janela*): Senhora Bernarda!?!... Ó senhora Amália!?

BERNARDA (*que vai abrir a janela: com enfado, a voz cansada*): Diz lá, menina...? Que queres tu, Aninhas?...

ANINHAS (*mostrando a cabeça, através da janela*): A minha mãe manda dizer se tem um bocadinho de açúcar que lhe empreste...?

AMÁLIA (*sem levantar os olhos do trabalho*): Dê-lhe, mãe...

BERNARDA (*dirigindo-se, pesadamente, para a porta da rua*): Açúcar, batatas, sal... é tudo! (*A imitar Amália.*) Dê-lhe, mãe! Dê-lhe, mãe!... Ai, a casa é abonada, não haja dúvida! (*Abre a porta.*) Entra, menina!

## Cena II

ANINHAS (*que entrou: beijando Bernarda na face*): Boa tarde, senhora Bernarda! (*A mostrar um púcaro de esmalte.*) É só uma pitadinha... pró café do meu irmão...

BERNARDA (*tomando, com rudeza, o púcaro das mãos de Aninhas*): Ai, descansa... Está descansadinha que levas pouco! Essa te garanto eu... (*Sai pela porta da esquerda, resmungona.*)

### Cena III

ANINHAS (*para Amália*): Está zangada, a senhora Bernarda?!

AMÁLIA (*sorriso triste*): Isso sim, Aninhas! É modo dela...

ANINHAS (*nos bicou dos pés*): Quero dar-lhe um beijo, senhora Amália!...

AMÁLIA (*ternura*): Pois sim, filha... (*Volta-se para beijar Aninhas: de tal modo, que uma tigela com água quente, que servia para borrifar a roupa, cai sobre as mãos da menina; esta chora e grita aflitivamente. Horrorizada, a limpar as mãos da criança ao avental.*) Ai, Jesus! O que eu fiz!... Meu Deus, meu Deus!... Dói?... Dói-te muito, filha?... O que eu te fiz... O que eu te fiz!... (*Beija as mãos de Aninhas.*) Mãe! Ó Mãe!... (*Aparece Bernarda, à porta. A chorar.*) Queimei-a, mãe!... Olhe, olhe prá'qui... queimei-lhe as mãos!... Jesus, Jesus Senhor!...

(*Aninhas continua a gemer.*)

### Cena IV

BERNARDA (*assustada*): Deixa ver, Aninhas... Deixa cá ver... (*Observa as mãos da menina.*) Não... Não é nada! A água já não estava muito quente... ora, isto passa num ar!... Vais ver, vais ver... espera, espera aí um instante: vou buscar azeite... (*Sai pela porta da esquerda, voltando logo a seguir com a garrafa do unto.*)

AMÁLIA: Depressa, mãe!, antes que isto empole... (*Bernarda besunta as mãos de Aninhas com o azeite.*) Pobre criancinha!... Veja a minha cabeça, mãe: não sei como fiz isto!... (*Muito nervosa, a bater com as mãos na cabeça.*) Estou doida... doida varrida; só faço mal... só mal! (*Soluça descontrolada.*)

BERNARDA: Pronto, Aninhas... E agora? Já não te dói tanto, pois não?... Espera aí... (*Vai buscar dois lenços, com os quais liga as mãos da criança.*) Ó Amália, cala-te, mulher: isto não é nada!?...

Cena V

ROSA (*entra aflita, empurrando a porta da rua. Corre para Aninhas, abraçando-a*): Ai, Jesus! Ai, a minha filhinha!... Que foi isto?!... Vamos pró hospital, vamos já!... Mostra, filha: quero ver, quero ver! (*Agressiva.*) Quem foi? Quem foi?!...

BERNARDA (*severa*): Não é nada, Rosa. Não grites! Daqui a pouco, junta-se gente à porta... Não grites, já te disse! (*Para duas Mulheres que, na rua, espreitam através da porta aberta.*) Eh, criaturinhas! Andando, andando... ala, ala!... (*Fecha a porta, com estrondo.*) Coscuvilheiras!... (*Irada, para Rosa.*) Acaba com a choraminguice, cala-te!

ROSA: Dói muito, Aninhas?... Dói?...

ANINHAS (*mimo*): Dói...

ROSA (*brutal*): Que raio de gente esta! Como diabo fizeram isto à criancinha?! Nunca eu a tivesse cá mandado...

BERNARDA: Pronto, aí vem o coice! És pobre e mal-agradecida, benza-te Deus...

AMÁLIA (*torturada*): Fui eu, Rosa... Fui eu! Não sei... ia a virar-me... Foi sem querer... (*Numa explosão de choro.*) Leva a menina, Rosa! Leva-a daqui! Estas minhas mãos estão amaldiçoadas: onde elas tocam, é isto que se vê... sou eu, Rosa! Sou eu, sou eu!...

BERNARDA (*censura*): Ó Amália, tu sempre...

AMÁLIA: É verdade, é verdade! Tudo aquilo em que toco se estraga... Não deixes vir aqui a menina, Rosa, digo-te eu! Não deixes...

BERNARDA (*autoridade*): Sossega, Amália! Toma tento nessa cabeça...

AMÁLIA: Eu ando a cumprir um fadário, mãe: isto é castigo, é castigo! As minhas mãos não merecem tocar numa criancinha... Deus não se esquece, não... Nunca se esquece! (*Ansiosa, terna e assustada.*) Guarda bem os teus filhinhos, Rosa! Não os largues, não os percas de vista...

ROSA (*admirada, Aninhas já não chora*): Ó Amália, mas...? Pronto, não te aflijas, mulher!... Já não te dói, pois não, Aninhas?... Isto não há-de ser nada...

BERNARDA (*dando o púcaro a Rosa*): Pega, leva o açúcar.

ROSA: Obrigadinha, senhora Bernarda!

BERNARDA: É pouco: tem paciência. Mas isto, agora, mudou de figura. Nesta casa, já não há ganho de homem. (*Pausa breve.*) Estamos prá'qui duas mulheres... Duas pobres mulheres, Rosa!... E, cá p'lo meu lado, já pouco faço... Ai, ai!... A vida, a vida... dantes outro galo cantava! Ora, dantes...

AMÁLIA (*retomando o trabalho: dor viva*): Dantes, tinha o meu homem vivo.

ROSA (*a querer restituir o açúcar*): Se faz falta, eu...

BERNARDA: Leva, Rosa. Podes levar.

AMÁLIA (*absorta, suspendendo a tarefa*): Mataram-mo. Mataram-me o meu marido, Rosa...

ROSA (*curiosidade*): Acabou hoje o julgamento, não foi?...

AMÁLIA (*desalento, encolhendo os ombros*): Mataram-mo. Agora, prá'qui estou, sozinha...

BERNARDA: Julgamentos... Tribunais... Juízes: mentiras, Rosa! Poucas-vergonhas! (*Ódio.*) Soltaram-no! Absolveram o assassino! Vê lá tu, vê lá tu!...

ROSA (*estupefacta*): Não me diga, senhora Bernarda!?

AMÁLIA: Foi no peito, Rosa. Cravou-lhe a faca mesmo no centro do coração... (*Horror.*) Varou-o, de lado a lado! (*Ódio.*) E anda à solta... Aquele malvado, a estas horas, anda por aí livre: ri-se da gente, goza, come e bebe!... (*Mágoa infinita.*) Atravessou-o de lado a lado, Rosa!... Num segundo, acabou com ele num relâmpago: o tempo de a gente levantar os olhos pra Deus... Não mais! (*Apontando para fora.*) Ali... Ali, naquela maldita taberna! A vida dum homem é como a dum pássaro: um ai a leva!...

BERNARDA: Absolvido, Rosa! Isto brada aos céus... Ai, mas Deus não dorme!...

AMÁLIA (*com outro sentido, que não o de Bernarda. Dolorosamente*): É verdade, minha mãe. Deus não dorme! Vê tudo, nunca se esquece...

ROSA: Dizem que ele, o assassino, é muito novo... Um rapazelho ainda!...

BERNARDA: Qual, Rosa!? É um homem feito: tem vinte anos! (*Com rancor.*) E uma alma mais negra do que este pano... (*Mostra o tecido da saia.*)

ROSA: Mas dizem que foi o seu genro quem o feriu primeiro...?

BERNARDA (*rancor, sempre*): Dizem...

ROSA: Que o outro viu-se obrigado a matar o teu homem, Amália, pra salvar a vida!?... É o que dizem...

BERNARDA: Foi; foi isso que todas as testemunhas disseram, hoje, naquele tribunal. E eles absolveram-no, está visto! (*Desdém desesperado.*) Ai, juízes, advogados...! (*Fúria.*) Mentiram! Mentiram todos!... O marido da minha Amália era um homem bom, um homem de paz, manso como o perdão de Deus... mentiram! (*Mágoa agressiva.*) Então tu já não te lembras do meu genro, Rosa?!...

ROSA (*a medo*): Parece que estava bêbado, senhora Bernarda...?

AMÁLIA (*cansaço extremo*): Mataram-mo. Mataram-mo, Rosa! O resto... Há três meses que eu não o tenho!... Quero lá saber desses falatórios! Isso não me importa, Rosa... só sei que o meu homem está morto... Ai, mais morto que esta mesa! Ora, o resto...

ROSA (*encorajada*): O meu irmão Chico também estava ali na taberna quando foi a desordem. Viu tudo! Foi o teu defunto marido que implicou com ele: chamou-lhe os piores nomes, provocou-o e, sem mais aquelas, puxou da navalha e deu-lhe um golpe no braço...! O outro, é claro, viu-se ferido, alagado em sangue, e... Olha, Amália, desgraças, desgraças que vêm ter com a gente! Tinha que ser, estava escrito...

BERNARDA: Tivesse eu marido ou filho vivos e tu havias de ver, Rosa, se esse malvado pagava ou não! Assim... Ai, tribunais, justiça...! E depois, viram-no com aquela carinha de anjo... Ó Amália, tu reparaste bem nele, no correr do julgamento? Só queria que visses, Rosa! Sério, triste, os olhos claros como água... olha, parecia um santinho de altar! (*Feroz.*) Enganou-os! Intrujou-os a todos! A estas horas, anda por aí a rir-se deles, da gente... maldito! Assassino!

ROSA: Dizem que é muito bonito!?...

BERNARDA: Bonito, aquele demónio?! (*Levantando as mãos ao alto.*) Jesus! Isto brada aos céus! (*Para Rosa, agressiva.*) Feio, medonho...



Mais feio que a peste, mais nojento que a cankra negra!... Ai, bonito!?!...

ROSA: Pois olhe, senhora Bernarda, que não é essa a opinião das raparigas que o viram lá no tribunal. Uma estampa! Um cravo de cheiro!... Credo, o que elas prá'í apregoam! Se eu te disser, Amália, que há quem tenha ido ao julgamento só pró ver!...

BERNARDA: Maldito seja ele, mais a cadela tinhosa que o pariu!

ROSA (*para Bernarda*): Isso é a raiva que você lhe tem: não a deixa ver direito... Inda no domingo eu ouvi a Rosa Maria, lá em baixo na Ribeira... Jesus! O estendal que ela fez: até se juntou gente! Que não, que o rapaz era bom, que bastava olhar prá cara dele pra se ver que estava inocente, que tinha os olhos mais lavadinhos que a pescaria do alto, que... Eu sei lá, parecia tonta!

BERNARDA: Grandessíssima cabra! Eu... Eu é que devia ouvir esse sermão!...

ROSA: Que ele matou o seu genro em defesa, sem querer... Que a um rapaz assim entregaria sem medo as chaves da sua própria casa... (*Riso brejeiro.*) Ai, o que eu me fartei de rir! Nesta altura, apareceu o marido, o Zé Martinho, que lhe deu uma destas estaladas no nariz!... Então é que foi ouvi-la, senhora Bernarda! Com o sangue a correr p'los queixos, o que aquela alminha prá'li gritou! Que o outro, o assassino, era um sol; que valia mais um único dos seus cabelos que o homem dela inteiro; que antes queria viver com ele uma hora do que a vida toda com o marido... pumba! Ainda não tinha acabado de dizer isto, e já o Zé Martinho lhe arriara outra punhada, que a deitou ao chão!... Pois julgas que ela se calou, Amália? Pôs-se a espernear como doida na calçada, e só dizia, com quantos bofes tinha: é lindo! Está inocente! É lindo, é lindo!... Olha, uma vergonha. (*Pausa breve; curiosa, inquieta, sensual.*) Ele é realmente assim, tão bonito, Amália?...

AMÁLIA (*dorida*): Eu nunca o vi. Nunca fui capaz de olhar para ele.

ROSA: Desgraças, Amália, desgraças!... Anda, Aninhas! (*Esta, durante as falas anteriores, esteve sempre num canto, entretida com um qualquer brinquedo.*) Vamos, vamos lá... tenho o meu miúdo com anginas: queria ver se o pequeno bebia uma pinga de café. Por causa dele,

não pude ir hoje trabalhar... (*Mudança rápida.*) Ó senhora Bernarda, afinal donde é o rapaz? Aqui, de Alfama, não consta que seja: p'lo menos, ninguém o conhece por cá. A família dele, é claro, foi ao julgamento?...

BERNARDA: Ora! Ninguém, nem viva alma lá pôs os pés. Aquilo é ortiga ruim, filho de galdéria e de vadio!... Dizem que tem andado sempre embarcado, ao Deus dará, p'las sete partidas do mundo... Assim sempre, desde pequeno.

ROSA: Isso! Foi isso que eu li no jornal. Chama-se – como é?... – Marinheiro... António Marinheiro...?! Se calhar, é alcunha... (*Mudança; dando o açúcar a Aninhas e empurrando-a para a rua.*) Vai filha! Vai prá beira do menino, que eu não me demoro nada... (*Sai Aninhas. À porta, a falar para fora.*) Não te tires de ao pé dele!... (*Entra de novo, cerrando a porta.*)

## Cena VI

BERNARDA (*encolhendo os ombros*): Sei lá... Ó Amália?! (*Esta, absorta, não responde.*) Amália?!

AMÁLIA: Diga...

BERNARDA: Tu reparaste no outro?...

AMÁLIA (*fadiga*): Qual outro, mãe?...

BERNARDA: O da camisola azul, aquele do boné de marujo!?... Ó mulher, não o viste?! Pois olha que esse estava sempre lá caído: não faltou a uma audiência!... (*Amália encolhe as ombros.*) Parece que são os dois do mesmo navio. A conversa aqui da Rosa fez-me pensar: e se eles fossem irmãos?... Hum, não me cheira: não têm a mesma pinta...

(*Ouve-se, na taberna, uma guitarra.*)

AMÁLIA (*enervada*): Pronto, mãe, acabou-se! Vai, Rosa, vai-te embora; olha o teu pequeno!... Não quero que me falem mais nesse homem... (*Gesto de Bernarda.*) Não quero, já disse!... (*Indicando, com um sinal*

*da cabeça, a taberna.*) E aqueles sempre naquilo. Maldita guitarra! Malditos homens!... (*Desequilibrada, a chorar.*) Maldita taberna!

ROSA (*a escutar a guitarra: terna, alvoroçada*): É capaz de ser o meu Adolfo. Toca tão bem, não toca?!... Ai, deixa-me lá ir... Obrigadinha pelo açúcar! (*À porta.*) É ele é...

AMÁLIA: Um raio! Não vir um raio do céu que as queimasse a todas! As tabernas são lugares de morte, Rosa. Tira o teu rapaz dali, vai buscá-lo, não o deixes lá ficar: se não um dia vêm dizer-te que... Ai, matam-to, fica sabendo!...

ROSA (*embevecida a ouvir o fado que Adolfo toca na guitarra*): Que bem que ele toca, Amália!...

AMÁLIA (*transida, a tremer, levantando-se*): Um dia, quando estiveres descansadinha da tua vida, no melhor do sono, quando mal o esperes, Rosa!, entram-te pela casa dentro umas alvissareiras, mais negras que a noite, a gritar... Cada grito! Ai, cada grito mais medonho! – «Corre! Corre que o teu homem esgota-se em sangue!»... E tu... Depois... Quando, com o coração desfeito em fezes, lá chegas... achas-te com um morto nos braços! Malditas tabernas! São lugares do demónio. Rosa! (*Uns passos, torturada.*) Mudam um homem bom, um não-te-rales de mansidão, um fio-de-prumo de honradez – como era o meu! – num malvado, pior que as feras...

BERNARDA (*lúgubre*): É o vinho...

AMÁLIA (*violenta*): É o diabo, mãe! (*Silêncio breve.*) A primeira vez que eu fui dar com o meu homem ali...

BERNARDA (*nervosa, interrompendo*): Estava bêbado...

AMÁLIA: Sim, estava bêbado. Olhou pra mim cheio de raiva...

BERNARDA: Lá vens tu com isso... Estou farta! Ele está morto: cala-te!

AMÁLIA (*violência gelada*): Com raiva, mãe! Com os olhos encharcados em sangue, os dentes arreganhados, a babar-se todo... (*Horror.*) Era um lobo, Rosa!... E bateu-me... malhou-me à doida, com quanta gana tinha, com... Ai, com ódio! (*Silêncio transido.*) Não, não era ele... era outro... Um estranho!... (*Silêncio.*) Depois disto, eu nunca mais pude ser a mesma mulher para ele. Percebi que... que uma parte do meu homem me tinha raiva!...

BERNARDA: Era o vinho...

AMÁLIA (*cansaço*): Era a verdade. O vinho só trazia ao de cima este ódio arrecadado...

ROSA (*que tem estado hesitante entre o prazer de ouvir a guitarra e a impressão causada pelas falas de Amália; com medo*): Credo, Amália, quem te ouvir...!?

AMÁLIA (*estranheza, mistério, despeito*): Nunca o vi tão moço... Nunca o ouvi rir com tanto gosto como ali, naquela taberna, quando se juntava com os outros: parecia um rapaz, novo... Novo!... Porquê?... Porquê?! (*Ironia desalentada.*) O melhor e o pior do meu homem não o conhecia eu... (*A indicar a taberna.*) Ali! Ali é que ele se mostrava todo... (*Mais forte a guitarra; nervosa, a tapar os ouvidos com ambas as mãos.*) Quero sair de Alfama! Hei-de ver-me livre desta rua, desta casa!...

BERNARDA: São homens, filha, são homens...

ROSA: São assim, são todos o mesmo...

AMÁLIA: A gente pensa que... Mas não, Rosa! As mulheres não bastam aos homens. Tenho a certeza! Agora, tenho a certeza: eles querem outra coisa que a gente não pode dar-lhes... Que a gente não tem!?...

ROSA (*quase brejeira*): Essa agora?!...

AMÁLIA (*força obsessiva*): É ali! Na taberna, na companhia uns dos outros, que eles encontram isso!

ROSA (*estranheza, troça*): Isso... o quê?!

AMÁLIA (*torturada, fixando profundamente os olhos de Rosa*): Não sei... Não sei...? (*Crescente violência crispada.*) Mas eu nunca tinha visto o meu tão novo, nunca o tinha ouvido rir assim, daquele jeito... O melhor do meu homem não era pra mim!... (*Silêncio palpitante.*) Nessa noite, percebi que esta casa era pra ele uma gaiola, uma prisão!...

BERNARDA: Ora, todos os homens são iguais. Tu estás a...

AMÁLIA: Uma prisão, mãe! Livre, à solta, só se sentia ali, na taberna, embrulhado com os outros. (*Gesto de Bernarda.*) É assim como eu digo, mãe! Pensei muito nisto... Ai, fartei-me de pensar. É assim,

é assim tal e qual! (*Ironia angustiada.*) Então você julga, mãe, que o meu homem era um bonzarrão, um manso de algodão em rama? Pois está muito enganadinha: era mais arisco que um cardo, mais fadista e arriçado que o Zé Marceneiro! Cuida que ele era triste? Não era, não senhora: alegre, vivo e estaladinho como um foguete!... (*Riso nervoso, quase a chorar.*) Triste, o meu marido?! Jesus, era um bandeira, aquele homem! Mais mexido e saltador que um pardal de trigo!... Triste?! (*Dura, violenta, com lágrimas.*) Isso era ele aqui, em casa, com a gente! Havia de vê-lo além, na taberna...?!

ROSA: Ora, Amália! E tu a ralares-te com... Ó mulher, isso que tem?!...

AMÁLIA: Tem! Tem muito! Gostavas de descobrir um dia que toda a tua vida tinha sido um puro engano? Um sonho, em que as pessoas, e as coisas que elas dizem, e o mal que nos fazem, e o gozo que dão à gente... Tudo, tudo são sombras de nevoeiro, sopradelas de vento? Gostavas, Rosa?! Quando um dia percebesse, quando acordasses, tinhas na boca um gosto a azedo que nunca mais passa, e nos olhos uma coisa baça como aquele vidro quando chove... (*aponta a janela*) acordavas abraçada, com todas as tuas ganas, a um homem mais falso que os bonecos que a gente vê nas fitas de cinema!... Gostavas, Rosa?! Não te deixes enganar, não vás nisso. Se queres conhecer o teu Adolfo, como ele é, o verdadeiro, espreita-o ali, mira-o bem quando ele está na paródia com os outros homens, acolá na taberna!... (*Desespero.*) O melhor e o pior daquele que foi meu marido era desconhecido pra mim... (*Pausa.*) Porquê? Por que razão, ele...?!

BERNARDA: Era um bom homem, o teu!

AMÁLIA (*angústia*): Não sei, mãe...

BERNARDA: Trabalhador, sério, respeitado...

AMÁLIA (*grito*): Não sei, não sei!

BERNARDA: Sei eu! O homem melhor que eu conheci em toda a minha vida...

AMÁLIA: Talvez, mãe... Não sei!? Eu vivi com ele um ror de anos e, hoje, não sou capaz de o recordar inteiro, todo! Que quer? Tenho-o na lembrança aos bocados: vêm-me à memória os olhos dele, ou

as mãos, ou as falas que me dava... Mas nunca todo, nem uma só vez completo!... (*Violência desesperada.*) Não consigo agarrá-lo, não sou capaz!?

ROSA: É o tempo, Amália. Estás a esquecer o teu defunto marido...  
Ai, o tempo tudo apaga!...

BERNARDA (*lúgubre*): Nem tudo, Rosa, nem tudo...

AMÁLIA (*ansiosa*): Nem tudo.

ROSA: E depois, Amália, não te pareça mal, mas... enfim, tu és nova e ele, o teu homem, já não... pois, era muito mais velho, aí tens!

AMÁLIA: Velho?! Só aqui em casa, Rosa, só aqui... Se tu o observasses além, com os outros homens! Nunca o vi rir daquela maneira... E os olhos? Dois carvões em brasa!... Lembras-te do corvo que havia lá em baixo, na carvoaria? Lembras-te, Rosa? Quando tinha as asas cortadas, metia nojo: andava por ali, aos pulos, as penas ruças a caírem de velhas... recordas-te? Mas depois, quando as asas lhe cresciam e ele conseguia voar, Jesus!, quem podia com tal pássaro? Preto, luzidio, alegre... era assim o meu homem: ali, na taberna, com os mais, era diferente, era outro! Era mais novo, mais... Raios o partam!

BERNARDA (*repreensão*): Amália!?

ROSA: Morreu: deixa-lhe a alma em paz...

AMÁLIA: Sim, mãe, lá cumpridor era ele! Cumpria todos os seus deveres de marido, não haja dúvida: todos, sem faltar a nenhum! É verdade, mãe, é verdade! Mas... cumpria por obrigação! Sem gosto, como quem paga uma dívida... Sem gosto, mãe! Prá'queles, prós amigos, isso sim!, corria ele a contento!...

ROSA: E daí, Amália?! Não é mal, não é mal nenhum. Deus me cegue, se eu queria o mulherengo dum homem que não me saísse de casa, sempre agarrado às minhas saias!... Ora, o quê?! Um homem que se preze tem que ter os seus amigos, tem que beber a sua pinga, tem que... eu sei lá! Tem que ser homem! (*Mudança; compadecida.*) A morte do teu deu-te a volta ao miolo, Amália. Sempre dizes cada tonteira!...